

DE ACORDO COM O EDITAL Nº 001/2026 DO CONCURSO PÚBLICO
DO MUNICÍPIO DE TRINDADE (PE)

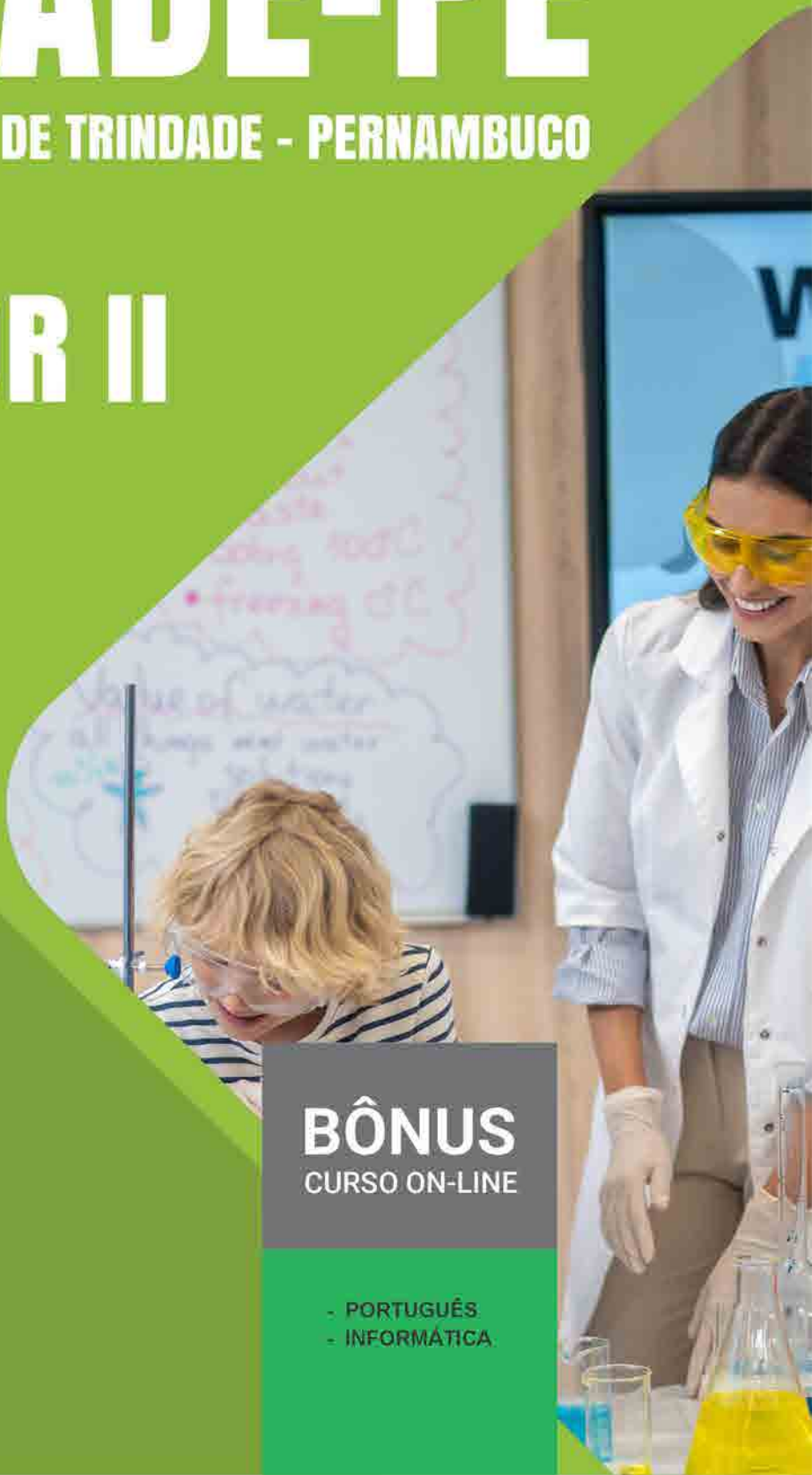


TRINDADE-PE

PREFEITURA MUNICIPAL DE TRINDADE - PERNAMBUCO

PROFESSOR II CIÊNCIAS

- ▶ Língua Portuguesa
- ▶ Legislação para professores
- ▶ Conhecimentos Profissionais
- ▶ Conhecimentos Pedagógicos



BÔNUS
CURSO ON-LINE

- PORTUGUÊS
- INFORMÁTICA



AVISO IMPORTANTE: **Este é um Material de Demonstração**

Este arquivo representa uma prévia exclusiva da apostila.

Aqui, você poderá conferir algumas páginas selecionadas para conhecer de perto a qualidade, o formato e a proposta pedagógica do nosso conteúdo. Lembramos que este não é o material completo.



POR QUE INVESTIR NA APOSTILA COMPLETA?



- × Conteúdo totalmente alinhado ao edital.
- × Teoria clara, objetiva e sempre atualizada.
- × Dicas práticas, quadros de resumo e linguagem descomplicada.
- × Questões gabaritadas.
- × Bônus especiais que otimizam seus estudos.

Aproveite a oportunidade de intensificar sua preparação com um material completo e focado na sua aprovação:
Acesse agora: www.apostilasopcao.com.br

Disponível nas versões impressa e digital, com envio imediato!

Estudar com o material certo faz toda a diferença na sua jornada até a APROVAÇÃO.





TRINDADE - PE

PREFEITURA MUNICIPAL DE TRINDADE - PERNAMBUCO

PROFESSOR II - CIÊNCIAS

EDITAL Nº 001/2026 DO CONCURSO
PÚBLICO DO MUNICÍPIO DE TRINDADE (PE)

CÓD: OP-041ST-26
7901204402122

ÍNDICE

Língua Portuguesa

1. Acentuação gráfica.....	7
2. Análise e interpretação de textos	8
3. Coerência textual; Coesão textual	9
4. Concordância nominal; Concordância verbal	10
5. Emprego da crase	12
6. Figuras de linguagem	13
7. Ortografia oficial	17
8. Pontuação	17
9. Regência nominal; Regência verbal	19
10. Significação das palavras (sinônimos, antônimos, homônimos e parônimos)	20
11. Tipos e gêneros textuais	20
12. Uso e colocação dos pronomes	21

Legislação para professores

1. Conselho Escolar e Conselho Municipal de Educação: Competências e atribuições	31
2. Constituição Federal (art. 205 a 214): Direito à educação e dever do Estado	35
3. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei nº 8.069/1990): Direito à educação e deveres da escola	38
4. FUNDEB (Lei nº 14.113/2020): Financiamento da educação básica e controle social	80
5. Gestão democrática do ensino público: Princípios legais e participação da comunidade escolar.....	95
6. Gestão de patrimônio público escolar: Controle, conservação e responsabilidade sobre bens públicos	100
7. Lei de Acesso à Informação (Lei nº 12.527/2011): Transparência na administração escolar	100
8. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394/1996): Organização da educação nacional e competências dos entes federativos.....	107
9. Plano Nacional de Educação (PNE - Lei nº 15.388/2026): Metas e responsabilidades dos municípios.....	127
10. Regimento Escolar: Natureza jurídica, elaboração e aplicação	132
11. Responsabilidade administrativa do gestor escolar: Atos administrativos e deveres funcionais	136

Conhecimentos Profissionais

Professor II - Ciências

1. Planejamento de aulas e atividades práticas de Ciências; Organização da rotina e dos materiais utilizados nas aulas de Ciências	145
2. Desenvolvimento de atividades experimentais e demonstrações científicas; Orientação dos alunos na realização de experimentos em sala de aula e laboratório	148
3. Utilização de materiais e recursos didáticos para o ensino de Ciências	152
4. Ensino de conteúdos relacionados ao corpo humano e à saúde; Desenvolvimento de atividades sobre alimentação, higiene e prevenção de doenças.....	155
5. Ensino de conteúdos relacionados aos seres vivos e ao meio ambiente.....	159
6. Desenvolvimento de atividades sobre preservação ambiental e sustentabilidade	162
7. Ensino de conteúdos relacionados à matéria, energia e suas transformações.....	165

ÍNDICE

8. Desenvolvimento de atividades sobre fenômenos naturais e situações do cotidiano	169
9. Utilização de modelos, imagens, vídeos e outros recursos para explicar conceitos científicos.....	172
10. Adaptação de atividades práticas às necessidades e aos diferentes níveis de aprendizagem dos alunos.....	176
11. Elaboração e aplicação de atividades e exercícios de Ciências; Correção e acompanhamento das atividades realizadas pelos alunos; Elaboração e aplicação de avaliações da aprendizagem em Ciências.....	179
12. Identificação e acompanhamento das dificuldades de aprendizagem dos alunos	183
13. Organização e segurança durante atividades experimentais e uso de materiais de laboratório.....	186
14. Registro do desenvolvimento e do desempenho dos alunos nas atividades de Ciências; Participação no planejamento pedagógico e trabalho integrado com a equipe escola	190

Conhecimentos Pedagógicos

1. Avaliação da aprendizagem	197
2. Currículo escolar	198
3. Desenvolvimento cognitivo e aprendizagem em Jean Piaget	201
4. Desenvolvimento sociocultural da aprendizagem em Lev Vygotsky.....	203
5. Didática e organização do ensino em José Carlos Libâneo	207
6. Educação e pedagogia crítica em Paulo Freire.....	211
7. Educação inclusiva e diversidade	214
8. Gestão democrática da escola	216
9. Interdisciplinaridade na educação em Ivani Fazenda	220
10. Legislação educacional brasileira. Políticas públicas educacionais	224
11. Planejamento de ensino	231
12. Projeto Político-Pedagógico (PPP).....	234
13. Psicologia da educação	239
14. Tendências pedagógicas na educação brasileira em Dermeval Saviani	241
15. Teorias da aprendizagem	245
16. Tecnologias educacionais no processo de ensino-aprendizagem	249
17. Trabalho pedagógico e interdisciplinaridade	252
18. Construtivismo na educação em Emília Ferreira	255
19. Avaliação mediadora em Jussara Hoffmann	259

LÍNGUA PORTUGUESA

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

A acentuação gráfica consiste no emprego do acento nas palavras grafadas com a finalidade de estabelecer, com base nas regras da língua, a intensidade e/ou a sonoridade das palavras. Isso quer dizer que os acentos gráficos servem para indicar a sílaba tônica de uma palavra ou a pronúncia de uma vogal. De acordo com as regras gramaticais vigentes, são quatro os acentos existentes na língua portuguesa:

- **Acento agudo:** indica que a sílaba tônica da palavra tem som aberto.

Ex.: área, relógio, pássaro.

- **Acento circunflexo:** empregado acima das vogais “a” e “o” para indicar sílaba tônica em vogal fechada.

Ex.: acadêmico, âncora, avô.

- **Acento grave/crase:** indica a junção da preposição “a” com o artigo “a”.

Ex.: “Chegamos à casa”. Esse acento não indica sílaba tônica!

- **Til:** Sobre as vogais “a” e “o”, indica que a vogal de determinada palavra tem som nasal, e nem sempre recai sobre a sílaba tônica.

Ex.: a palavra órfã tem um acento agudo, que indica que a sílaba forte é “o” (ou seja, é acento tônico), e um til (~), que indica que a pronúncia da vogal “a” é nasal, não oral. Outro exemplo semelhante é a palavra bênção.

- **Monossílabas Tônicas e Átonas:** mesmo as palavras com apenas uma sílaba podem sofrer alteração de intensidade de voz na sua pronúncia.

Ex.: observe o substantivo masculino “dó” e a preposição “do” (contração da preposição “de” + artigo “o”).

Ao comparar esses termos, percebermos que o primeiro soa mais forte que o segundo, ou seja, temos uma monossílaba tônica e uma átona, respectivamente. Diante de palavras monossílabas, a dica para identificar se é tônica (forte) ou fraca átona (fraca) é pronunciá-las em uma frase, como abaixo:

“Sinto grande dó ao vê-la sofrer.”

“Finalmente encontrei a chave do carro.”

► Recebem acento gráfico

As monossílabas tônicas terminadas em:

- a(s) → pá(s), má(s);
- e(s) → pé(s), vê(s);
- o(s) → só(s), pôs.

As monossílabas tônicas formados por ditongos abertos -éis, -éu, -ói.

Ex.: réis, véu, dói.

Não recebem acento gráfico:

- **As monossílabas tônicas:** par, nus, vez, tu, noz, quis.
- As formas verbais monossilábicas terminadas em “-ê”, nas quais a 3ª pessoa do plural termina em “-eem”.

Importante: Antes do novo acordo ortográfico, esses verbos era acentuados.

Ex.: Ele lê → Eles ~~lêem~~ leem.

Exceção: o mesmo não ocorre com os verbos monossilábicos terminados em “-em”, já que a terceira pessoa termina em “-êm”. Nesses casos, a acentuação permanece acentuada.

Ex.: Ele tem → Eles têm; Ele vem → Eles vêm.

► Acentuação das palavras Oxítonas

As palavras cuja última sílaba é tônica devem ser acentuadas as oxítonas com sílaba tônica terminada em vogal tônica -a, -e e -o, sucedidas ou não por -s. *Ex.:* aliás, após, crachá, mocotó, pajé, vocês. Logo, não se acentuam as oxítonas terminadas em “-i” e “-u”.

Ex.: caqui, urubu.

► Acentuação das palavras Paroxítonas

São classificadas dessa forma as palavras cuja penúltima sílaba é tônica. De acordo com a regra geral, não se acentuam as palavras paroxítonas, a não ser nos casos específicos relacionados abaixo.

Observe as exceções:

- **Terminadas em -ei e -eis.** *Ex.:* amásseis, cantásseis, fizésseis, hóquei, jóquei, pônei, saudáveis.
- **Terminadas em -r, -l, -n, -x e -ps.** *Ex.:* bíceps, caráter, córtex, esfíncter, fórceps, fóssil, líquen, lúmen, réptil, tórax.
- **Terminadas em -i e -is.** *Ex.:* beribéri, bílis, biquíni, cáqui, cútis, grátis, júri, lápis, oásis, táxi.
- **Terminadas em -us.** *Ex.:* bônus, húmus, ônus, Vênus, vírus, tônus.
- **Terminadas em -om e -ons.** *Ex.:* elétrons, nêutrons, prótons.



AMOSTRA

▪ **Terminadas em -um e -uns.** *Ex.:* álbum, álbuns, fórum, fóruns, quórum, quóruns.

▪ **Terminadas em -ã e -ão.** *Ex.:* bênção, bênções, imã, imãs, órfã, órfãs, órgão, órgãos, sótão, sótãos.

► Acentuação das palavras Proparoxítonas

Classificam-se assim as palavras cuja antepenúltima sílaba é tônica, e todas recebem acento, sem exceções.

Ex.: ácaro, árvore, bárbaro, cálida, exército, fétido, lâmpada, líquido, médico, pássaro, tática, trânsito.

► Ditongos e Hiatos:

Acentuam-se:

▪ Oxítonas com sílaba tônica terminada em abertos “_éu”, “_éi” ou “_ói”, sucedidos ou não por “_s”.

Ex.: anéis, fiéis, herói, mausoléu, sóis, véus.

▪ As letras “_i” e “_u” quando forem a segunda vogal tônica de um hiato e estejam isoladas ou sucedidas por “_s” na sílaba.

Ex.: caí (ca-i), país (pa-is), baú (ba-ú).

Não se acentuam:

▪ A letra “_i”, sempre que for sucedida por de “_nh”.

Ex.: moinho, rainha, bainha.

▪ As letras “_i” e o “_u” sempre que aparecerem repetidas.

Ex.: juuna, xiita. xiita.

▪ Hiato composto por “_ee” e “_oo”.

Ex.: creem, deem, leem, enjoo, magoo.

► O Novo Acordo Ortográfico

Confira as regras que levaram algumas palavras a perderem acentuação em razão do Acordo Ortográfico de 1990, que entrou em vigor em 2009:

Vogal tônica fechada -o de -oo em paroxítonas:

Ex.: enjoo enjoo; magoo magoo; perdoo perdoo; voo voo; zoo zoo.

Ditongos abertos -oi e -ei em palavras paroxítonas:

Ex.: alcalóide alcaloide; andróide androide; alcalóide alcaloide; assembléia assembleia; asteróide asteroide; européia europeia.

Vogais -i e -u precedidas de ditongo em paroxítonas:

Ex.: feiúra feiura; maoísta maoista; taoísmo taoismo.

Palavras paroxítonas cuja terminação é -em, e que possuem -e tônico em hiato:

Isso ocorre com a 3ª pessoa do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo. Exemplos: deem; lêem leem; relêem releem; revêem.

▪ **Palavras com trema:** somente para palavras da língua portuguesa. Exemplos: bilíngüe bilíngue; enxágüe enxágue; linguíça linguíça.

▪ **Paroxítonas homógrafas:** são palavras que têm a mesma grafia, mas apresentam significados diferentes. Exemplo: o verbo PARAR: pára para. Antes do Acordo Ortográfico, a flexão do verbo “parar” era acentuada para que fosse diferenciada da preposição “para”.

Atualmente, nenhuma delas recebe acentuação, assim:

▪ **Antes:** Ela sempre pára para ver a banda passar. [verbo / preposição]

▪ **Hoje:** Ela sempre para para ver a banda passar. [verbo / preposição]

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

► Definição Geral

Embora correlacionados, compreensão e interpretação são processos distintos. A compreensão refere-se ao entendimento das informações explícitas do texto, enquanto a interpretação envolve a elaboração de conclusões fundamentadas a partir dessas informações.

Exemplificando, quando uma avaliação exige a compreensão de uma questão, a resposta encontra-se explicitamente no texto. Já a interpretação ocorre quando o leitor, a partir das informações textuais, elabora conclusões logicamente fundamentadas.

► Compreensão de Textos

A compreensão textual consiste na análise do que está explícito no texto, ou seja, na identificação da mensagem. Compreender um texto é assimilar intelectualmente sua mensagem, identificando com precisão as informações explícitas nele contidas.

Compreender um texto é captar, de forma objetiva, a mensagem transmitida por ele. Portanto, a compreensão textual envolve a decodificação da mensagem que é feita pelo leitor.

Por exemplo, ao ouvirmos uma notícia, automaticamente compreendemos a mensagem transmitida por ela, assim como o seu propósito comunicativo, que é informar o ouvinte sobre um determinado evento.

► Interpretação de Textos

É o entendimento que resulta da associação entre as ideias do texto, permitindo ao leitor inferir sentidos implícitos, sem ultrapassar os limites estabelecidos pelo próprio texto. Resumidamente, interpretar é atribuir sentido ao texto por meio de inferências e da relação entre suas ideias, sempre com base nos elementos linguísticos e discursivos apresentados.

A interpretação de textos compreende a habilidade de se chegar a conclusões específicas após a leitura de algum tipo de texto, seja ele escrito, oral ou visual.



LEGISLAÇÃO PARA PROFESSORES

CONSELHO ESCOLAR E CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO: COMPETÊNCIAS E ATRIBUIÇÕES

PARTICIPAÇÃO COLEGIADA NA ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA

► Natureza institucional do Conselho Escolar

O Conselho Escolar integra a organização participativa da unidade de ensino e cria um espaço formal para que diferentes segmentos da comunidade escolar intervenham em assuntos relevantes da vida institucional. Sua composição e seu funcionamento dependem das normas do sistema de ensino e do regimento aplicável, mas sua lógica central é colegiada: decisões, avaliações e encaminhamentos deixam de ficar restritos a uma única autoridade e passam a incorporar representação, debate e responsabilidade compartilhada. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional associa a gestão democrática do ensino público à participação dos profissionais da educação e das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes. Essa referência dá ao colegiado uma função institucional vinculada à democratização da gestão, sem eliminar as competências próprias da direção, dos profissionais ou dos órgãos mantenedores.

Representação e vínculo com a comunidade escolar

A presença de representantes de diferentes segmentos amplia a capacidade do colegiado de perceber problemas sob perspectivas distintas. Famílias podem apresentar dificuldades relacionadas ao acesso, à comunicação e à permanência; estudantes podem revelar aspectos da convivência e da rotina que não aparecem nos registros administrativos; profissionais da escola contribuem com conhecimento pedagógico e operacional. A participação não transforma cada representante em defensor exclusivo de interesses particulares. A atuação colegiada exige considerar o interesse educacional comum, as normas vigentes e as condições concretas da unidade. Em uma situação de alteração do uso de espaços escolares, por exemplo, o debate pode reunir necessidades pedagógicas, segurança, acessibilidade, disponibilidade de ambientes e impacto sobre diferentes turmas antes da definição de um encaminhamento.

► Competências deliberativas, consultivas e de acompanhamento

As atribuições específicas são definidas pelas normas do respectivo sistema e pela regulamentação da unidade, razão pela qual não é adequado presumir que todos os Conselhos Escolares brasileiros possuam exatamente o mesmo conjunto de poderes. Em termos funcionais, esses colegiados podem exercer competências deliberativas nos assuntos que lhes forem legalmente atribuídos, emitir manifestações consultivas, acompanhar ações institucionais e colaborar com processos de avaliação e planejamento. O limite da competência é essencial: uma deliberação colegiada não pode substituir órgão ou autoridade quando a matéria estiver reservada a outra instância.

Projeto pedagógico, prioridades e controle social

A participação do Conselho Escolar pode alcançar o acompanhamento da proposta pedagógica, das prioridades institucionais e da aplicação de recursos cuja gestão admita participação colegiada. O valor do controle social está na combinação entre acesso à informação, discussão fundamentada e registro das decisões. Ao analisar a aquisição de materiais para uma atividade escolar, por exemplo, o colegiado pode relacionar a necessidade apresentada às prioridades pedagógicas e às condições orçamentárias, observando as regras aplicáveis. O conselho não funciona como simples homologador de decisões já tomadas; sua contribuição é mais consistente quando recebe informações suficientes, registra divergências e acompanha a execução do que foi decidido.

A tabela diferencia funções recorrentes do colegiado sem convertê-las em atribuições universais, pois o alcance concreto depende da regulamentação do sistema de ensino.



AMOSTRA

Função	Finalidade institucional	Manifestação típica
Deliberativa	Decidir matéria submetida à competência do colegiado	Aprovação ou definição colegiada dentro dos limites normativos
Consultiva	Oferecer análise antes de decisão de outra autoridade	Parecer, manifestação ou recomendação
Acompanhamento	Observar execução de ações e compromissos	Verificação de andamento, registros e resultados
Mobilizadora	Favorecer participação da comunidade	Articulação de segmentos e ampliação do diálogo

A distinção mostra que participar não significa necessariamente decidir em caráter final. Uma mesma questão pode envolver consulta do conselho, decisão de autoridade competente e posterior acompanhamento colegiado. Identificar a natureza de cada atuação evita confundir cooperação institucional com transferência indevida de competência.

Participação informada e responsabilidade coletiva

A participação ganha consistência quando os membros conseguem compreender o problema antes de se posicionar. Isso pressupõe apresentação clara de dados institucionais pertinentes, tempo para manifestação e definição precisa do que está sob decisão. Em uma discussão sobre horários de atividades coletivas, por exemplo, opiniões podem ser confrontadas com disponibilidade de profissionais, transporte, alimentação e organização das famílias. O colegiado transforma interesses diversos em decisão institucional quando trabalha com critérios explícitos e registra as razões do encaminhamento. A responsabilidade continua distribuída conforme as atribuições: participar da decisão não torna todos os membros executores administrativos, mas cria compromisso com o acompanhamento do que foi validamente deliberado.

ATUAÇÃO DO CONSELHO MUNICIPAL NO SISTEMA DE ENSINO

► Posição institucional e abrangência municipal

O Conselho Municipal de Educação atua em escala distinta da unidade escolar. Quando instituído no âmbito do sistema municipal e dotado das competências previstas na legislação local, participa da organização normativa, consultiva, deliberativa e de acompanhamento da educação municipal. Sua referência não é apenas uma escola, mas o conjunto de matérias educacionais submetidas à esfera municipal. A Constituição Federal atribui aos municípios atuação prioritária na educação infantil e no ensino fundamental e estabelece organização dos sistemas de ensino em regime de colaboração. A Lei de Diretrizes e Bases disciplina a organização dos sistemas e oferece a moldura geral dentro da qual a legislação municipal estrutura seus órgãos.

Normatização e interpretação no âmbito de competência

Uma diferença importante está na possibilidade de o Conselho Municipal exercer funções normativas quando a legislação do sistema assim estabelece. Isso significa editar atos gerais sobre matérias educacionais inseridas em sua competência, detalhando procedimentos e requisitos dentro dos limites das normas superiores. Não se trata de criar regras sem fundamento jurídico nem de substituir a legislação nacional. A atividade normativa organiza a aplicação local das regras educacionais. Um cenário concreto ocorre quando o sistema municipal precisa disciplinar procedimentos administrativos aplicáveis às instituições sob sua competência: o conselho pode estabelecer parâmetros se possuir base normativa para fazê-lo, respeitando a hierarquia jurídica e as atribuições de outros órgãos.

► Credenciamento, autorização e supervisão conforme a legislação local

Em determinados sistemas municipais, o conselho recebe competências relacionadas à autorização, ao credenciamento, à supervisão ou a outros atos regulatórios sobre instituições e etapas educacionais inseridas no campo municipal. A existência e o alcance dessas atribuições devem ser verificados na legislação de cada município. Não é correto afirmar que todo Conselho Municipal pratica os mesmos atos. A estrutura federativa permite diversidade organizacional, desde que respeitadas as normas gerais da educação nacional e a distribuição constitucional de responsabilidades.

Planejamento educacional e acompanhamento das políticas

O colegiado municipal também pode contribuir para o acompanhamento de políticas públicas educacionais, planos, diretrizes e indicadores administrativos produzidos pelos órgãos competentes. Sua atuação favorece continuidade institucional porque permite que decisões sejam discutidas em instância colegiada que não se confunde com a administração cotidiana de uma escola. Considere uma expansão planejada da oferta de educação infantil: o conselho pode analisar aspectos submetidos à sua competência, acompanhar a adequação às normas do sistema e formular manifestações institucionais. A execução material das obras, a gestão de pessoal e outras providências administrativas permanecem com os órgãos responsáveis, conforme a repartição local de atribuições.



CONHECIMENTOS PROFISSIONAIS

PLANEJAMENTO DE AULAS E ATIVIDADES PRÁTICAS DE CIÊNCIAS; ORGANIZAÇÃO DA ROTINA E DOS MATERIAIS UTILIZADOS NAS AULAS DE CIÊNCIAS

DA INTENÇÃO PEDAGÓGICA À EXPERIÊNCIA CONCRETA

► Definição do foco científico da aula

O planejamento de uma aula prática começa pela definição do fenômeno, da ideia científica ou da relação que os alunos deverão compreender. No trabalho científico escolar, uma atividade ganha sentido quando existe uma pergunta orientadora e quando os materiais escolhidos permitem produzir observações relacionadas a essa pergunta. O objetivo não deve ser formulado apenas como “realizar uma experiência”, porque executar etapas não garante compreensão. É mais produtivo estabelecer o que os estudantes deverão observar, comparar, descrever, interpretar ou relacionar. Uma aula sobre dissolução, por exemplo, pode focalizar a diferença entre dissolver e desaparecer, exigindo que os alunos acompanhem o que ocorre com sal, areia e óleo quando entram em contato com água. A escolha do conteúdo determina o tipo de evidência que precisa ser produzida e o modo como o professor organizará a participação da turma.

Questões orientadoras e evidências observáveis

Uma questão orientadora transforma a prática em investigação dirigida. Perguntas como “todos os materiais se comportam da mesma forma na água?” ou “o que muda quando a quantidade de água permanece constante e o material é trocado?” direcionam a atenção para comparações verificáveis. O professor precisa antecipar quais observações serão possíveis no tempo disponível, quais ideias prévias podem aparecer e quais registros ajudarão a distinguir aparência de explicação. Também é necessário decidir se a turma trabalhará com descrições qualitativas, medidas simples ou ambas. Quando os estudantes registram cor, transparência, presença de partículas, formação de camadas e mudanças ao longo do tempo, o planejamento já prevê caminhos para que as observações sejam retomadas em discussão posterior. Isso evita que a prática se reduza a uma sequência de ações desconectadas do conteúdo científico.

► Compatibilização entre objetivo, tempo e condições da turma

A viabilidade didática depende da relação entre o objetivo e as condições reais de execução. O professor estima o tempo de montagem, observação, registro, discussão e reorganização do espaço, considerando também deslocamentos, distribuição de materiais e necessidade de repetir alguma etapa. Uma atividade adequada para pequenos grupos pode exigir outra organização em uma turma numerosa. Da mesma forma, um fenômeno que demora vários dias, como a germinação, pede uma sequência distribuída em diferentes encontros, enquanto mudanças rápidas podem ser examinadas em uma única aula. Planejar inclui prever alternativas para materiais indisponíveis, resultados pouco visíveis ou mudanças de ritmo. Essas alternativas não substituem o objetivo; servem para preservar o foco científico quando alguma condição operacional se modifica.

Plano alternativo sem perda do objetivo

Antecipar alternativas é diferente de preparar uma atividade completamente distinta. O plano alternativo preserva a pergunta científica e modifica apenas o recurso ou a forma de observação que se tornou inviável. Se o professor pretendia comparar misturas em recipientes transparentes e parte deles não está disponível, pode reduzir o número de conjuntos e organizar observação compartilhada, mantendo os mesmos materiais e critérios. Se uma mudança esperada depende de tempo maior que o período da aula, pode preparar previamente uma amostra em estágio posterior e deixar claro que ela representa outro momento do processo. Essa antecipação evita soluções improvisadas que introduzem fenômenos diferentes do planejado. Também permite que o professor decida antes quais aspectos podem ser flexibilizados e quais são indispensáveis para que a atividade continue alinhada ao foco conceitual.

A tabela compara decisões que precisam ser articuladas antes de uma prática sobre dissolução, evitando que a seleção dos materiais aconteça separadamente da finalidade pedagógica.

AMOSTRA

Elemento de planejamento	Pergunta de decisão	Aplicação na atividade
Foco conceitual	Que relação científica deve ficar observável?	Comparar comportamentos de sal, areia e óleo em água
Evidência	O que os alunos poderão registrar?	Formação de mistura uniforme, depósito ou camada
Tempo	Quanto dura cada momento da atividade?	Preparação curta, observação imediata e discussão final
Organização	Como distribuir participação e recursos?	Pequenos grupos com recipientes e materiais equivalentes
Continuidade	O que será retomado depois?	Distinção entre dissolução, suspensão e separação de fases

A comparação mostra que o planejamento não é uma lista de tarefas isoladas. Cada decisão interfere nas demais. Se o professor pretende discutir diferenças entre comportamentos dos materiais, os grupos precisam trabalhar com condições comparáveis; se deseja retomar os registros, o tempo reservado para anotação não pode ser sacrificado pela montagem. A coerência entre objetivo, evidência, tempo e organização aumenta a possibilidade de a prática produzir dados realmente úteis para a aprendizagem.

ROTINA DE AULA COMO ESTRUTURA PARA OBSERVAR E INVESTIGAR

► Momentos da aula e transições organizadas

Uma rotina clara permite que a turma reconheça quando deve escutar orientações, manipular recursos, registrar observações e reorganizar o ambiente. No trabalho científico escolar, essas transições são especialmente importantes porque a atenção dos estudantes costuma se dividir entre o fenômeno e os objetos disponíveis. A abertura pode apresentar a pergunta central e os limites da tarefa; depois, a distribuição dos materiais ocorre apenas quando as instruções essenciais já estiverem compreendidas. Durante a execução, o professor mantém pontos de parada para conferir observações ou ajustar procedimentos. Ao final, a devolução dos materiais e a organização do espaço precisam fazer parte do tempo previsto, não funcionar como atividade improvisada depois do término da aula. Uma rotina estável reduz perdas de tempo e libera maior espaço para perguntas e interpretações.

Sinais de passagem entre observação, registro e conversa

Sinais simples ajudam os grupos a alternar entre ação e reflexão. O professor pode combinar um momento em que todos interrompem a manipulação para comparar resultados, uma indicação visual no quadro para mudança de etapa ou um intervalo específico para registro. O importante é que esses sinais sejam consistentes e compreensíveis. Em uma observação de folhas coletadas no pátio, por exemplo, os estudantes podem primeiro examinar forma, textura e borda, depois registrar semelhanças e diferenças e, só então, compartilhar critérios de agrupamento. Se cada grupo conversa em um ritmo completamente diferente, alguns estudantes podem desmontar a atividade antes de registrar o que viram. O planejamento da transição preserva o encadeamento entre experiência, documentação e construção de explicações.

► Distribuição de responsabilidades nos grupos

A participação se torna mais equilibrada quando as funções estão relacionadas ao trabalho científico. Em vez de deixar que um único estudante manipule tudo, o professor pode distribuir responsabilidades temporárias que mudam ao longo das aulas. Uma função pode cuidar do material, outra registrar observações, outra controlar o tempo e outra apresentar as comparações do grupo. Essas funções não devem criar hierarquias permanentes nem impedir que todos tenham contato com diferentes tarefas. O professor também precisa observar se a divisão está funcionando na prática, pois estudantes mais rápidos podem antecipar etapas e reduzir a participação dos demais. A rotina deve garantir que a cooperação seja parte da investigação, e não apenas uma forma de repartir trabalho.

Quando a atividade exige circulação de objetos entre mesas, alguns combinados operacionais ajudam a manter o fluxo de trabalho sem dispersão.

- Materiais circulam somente no momento previsto, evitando trocas durante explicações ou registros.
- Cada grupo confere a quantidade recebida e devolve os itens no recipiente indicado para a turma.
- Funções de registro, manipulação e comunicação são alternadas para ampliar a participação dos estudantes.

Organização por estações quando há poucos recursos

A organização por estações é útil quando a escola dispõe de poucos exemplares de determinados recursos. Em vez de tentar fornecer o mesmo conjunto a todos simultaneamente, o professor organiza mesas com tarefas diferentes e prevê um tempo de permanência em cada ponto. Uma estação pode oferecer lupas para observar estruturas vegetais; outra, cartões para registrar características; outra, amostras secas para comparar superfícies. O desafio é garantir que as estações formem uma sequência coerente e que nenhuma delas dependa de uma explicação que só será apresentada muito depois. Também é necessário prever o sentido de circulação e o local onde os grupos deixam seus registros. Essa forma de rotina amplia o uso dos recursos sem transformar a aula em movimentação sem propósito.



CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

¹O termo avaliar tem sido associado a fazer prova, fazer exame, atribuir notas, repetir ou passar de ano. Nela a educação é imaginada como simples transmissão e memorização de informações prontas e o educando é visto como um ser paciente e receptivo. Em uma concepção pedagógica mais moderna, a educação é concebida como experiência de vivências múltiplas, agregando o desenvolvimento total do educando. Nessa abordagem o educando é um ser ativo e dinâmico, que participa da construção de seu próprio conhecimento. Nesse ponto de vista, a avaliação admite um significado orientador e cooperativo.

A avaliação do processo de ensino e aprendizagem, é realizada de forma contínua, cumulativa e sistemática na escola, com o objetivo de diagnosticar a situação de aprendizagem de cada aluno, em relação à programação curricular. A avaliação não deve priorizar apenas o resultado ou o processo, mas deve como prática de investigação, interrogar a relação ensino-aprendizagem e buscar identificar os conhecimentos construídos e as dificuldades de uma forma dialógica. O erro passa a ser considerado como pista que indica como o educando está relacionando os conhecimentos que já possui com os novos conhecimentos que vão sendo adquiridos, admitindo uma melhor compreensão dos conhecimentos solidificados, interação necessária em um processo de construção e de reconstrução. O erro, nesse caso, deixa de representar a ausência de conhecimento adequado. Toda resposta ao processo de aprendizagem, seja certa ou errada, é um ponto de chegada, por mostrar os conhecimentos que já foram construídos e absorvidos, e um novo ponto de partida, para um recomeço possibilitando novas tomadas de decisões.

A avaliação, dessa forma, tem uma função prognóstica, que avalia os conhecimentos prévios dos alunos, considerada a avaliação de entrada, avaliação de input; uma função diagnóstica, do dia a dia, a fim de verificar quem absorveu todos os conhecimentos e adquiriu as habilidades previstas nos objetivos estabelecidos. Para José Eustáquio Romão, existe também uma função classificatória, avaliação final, que funciona como verificação do nível alcançado pelos alunos, avaliação de output. Através da função diagnóstica podemos verificar quais as reais causas que impedem a aprendizagem do aluno. O exemplo classificatório de avaliação oficializa a visão de sociedade excludente adotada pela escola.

► ²Tipos de Avaliação

Assim como as crianças e adolescentes aprendem de diferentes formas, avaliar esses conhecimentos também exige essa diversidade. Ao aderir a essa prática, os professores passam a ter uma dimensão mais completa e integral dos alunos.

Os principais tipos de avaliação são a diagnóstica, formativa, somativa e externa.

Avaliação diagnóstica

Como o próprio nome indica, esta modalidade possibilita identificar e mapear os saberes dos estudantes em relação a determinado objeto do conhecimento ou habilidade. No ciclo de alfabetização, a avaliação diagnóstica também pode ser chamada de sondagem e acontece periodicamente para acompanhar os avanços das crianças.

O mais comum é que aconteça no início de cada bimestre. Porém, o mais indicado é aumentar a frequência. “Ela deve acontecer várias vezes. A cada novo trabalho ou objeto de conhecimento precisamos de um diagnóstico”, diz Kátia Chiaradia.

A avaliação diagnóstica deve ser capaz de verificar as lacunas, identificar os avanços e os pontos de destaque da turma. Esses dados são utilizados para orientar o planejamento docente e podem nortear, por exemplo, a organização de agrupamentos produtivos.

Olhar para aspectos socioemocionais e mapear interesses, hábitos e realidade de cada aluno também são pontos interessantes de se considerar na hora de planejar o diagnóstico.

Não existe um modelo único para esse tipo de avaliação: ela pode ser realizada utilizando metodologias ativas, roda de conversa ou ser um modelo mais próximo das provas tradicionais.

Muitas secretarias de educação utilizam diagnósticos em rede como um termômetro geral das escolas. Mesmo nesses casos, é importante que o professor realize o seu próprio diagnóstico como forma de complementar as informações e conhecer mais o perfil da turma.

Avaliação formativa (contínua ou processual)

A avaliação processual acontece ao longo do processo de aprendizagem, sempre a partir de um diagnóstico. Conforme acompanha o processo da turma, o professor tem as evidências necessárias para pensar em boas intervenções e saber quando é necessário mudar o percurso – isto é, não é preciso aguardar o término do bimestre para verificar que uma estratégia não funcionou ou que os alunos ainda estão com dificuldade em determinada habilidade.

Para fazer essa avaliação, podem ser utilizadas ferramentas como, por exemplo:

- Produções orais, em grupo e individuais.
- Pesquisas.
- Seminários.

¹ <https://educador.brasile Escola.uol.com.br/trabalho-docente/avaliacao-escolar.htm>

² <https://novaescola.org.br/conteudo/8778/o-que-e-avaliacao>



AMOSTRA

- Estudos de caso.
- Autoavaliação.
- Questionários.

Já para analisar os resultados, utilizam-se rubricas com diferentes níveis de performance. Esses critérios permitem que o professor oriente a observação. Eles devem estar sempre alinhados aos objetivos de aprendizagem previstos naquela atividade ou projeto e conter as evidências para demonstrar que o estudante aprendeu - saiba o que levar em conta para fazer esse trabalho nos Anos Iniciais. Essas expectativas devem ser comparilhadas com a turma.

Um tipo de avaliação formativa é a comparativa, que visa promover uma análise entre o que o aluno sabia antes de determinada atividade e depois.

Avaliação somativa

É a modalidade mais tradicional de avaliação e caracteriza-se por evidenciar se os alunos dominam determinado conjunto de habilidades. Comumente, acontece ao final do bimestre ou sequência didática. Ao final, atribui-se um conceito ou nota numérica para o desempenho dos estudantes.

Pode ser dissertativa ou de múltipla escolha. É importante que as perguntas sejam claras e, pela resolução da questão, o professor consiga evidenciar as aprendizagens.

Avaliações externas

São provas realizadas em larga escala para avaliar o sistema educacional e auxiliam na construção de uma visão sistêmica sobre como está a aprendizagem no território.

Dentro da escola, os resultados dos estudantes também devem ser analisados, porém os descritores dessas avaliações não devem orientar o planejamento docente – isto é, o objetivo do professor é desenvolver habilidades do currículo, não preparar os alunos para essas provas.

CURRÍCULO ESCOLAR

► Definição de Currículo

O conceito de currículo, no campo da educação, vai além de uma lista de conteúdos a serem ensinados ou de disciplinas organizadas em uma grade escolar. Embora essa seja a visão tradicional, mais restrita, abordagens contemporâneas ampliam a compreensão do currículo, reconhecendo-o como um instrumento que estrutura as experiências de ensino e aprendizagem e reflete uma série de fatores culturais, políticos e sociais.

O currículo, portanto, é uma construção social e histórica que expressa as intencionalidades educacionais de uma sociedade em um dado momento.

► Currículo Formal

O currículo formal refere-se ao conjunto de diretrizes e orientações oficiais que definem os conhecimentos e habilidades a serem ensinados nas instituições de ensino. Esse currículo é elaborado por órgãos reguladores, como o Ministério da Educação (MEC) no Brasil, e materializado em documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ele estabelece, por

exemplo, quais conteúdos devem ser abordados em cada nível de ensino, além de prever as competências que os estudantes devem desenvolver ao longo da educação básica.

Entre os elementos que compõem o currículo formal, destacam-se:

- Conteúdos específicos de áreas do conhecimento (como Matemática, Língua Portuguesa, Ciências, etc.);
- Metodologias e estratégias de ensino recomendadas;
- Critérios de avaliação e desempenho dos alunos.
- Embora o currículo formal tenha uma importância central na organização do ensino, ele não abarca toda a complexidade das experiências educacionais vividas na escola.

► Currículo Oculto

O conceito de currículo oculto refere-se aos valores, atitudes e normas sociais que são transmitidos implicitamente nas práticas escolares, mesmo sem estarem formalmente previstos nos documentos oficiais. Esses elementos “ocultos” podem moldar de maneira significativa as experiências dos estudantes, influenciando a formação de identidades e a socialização dos indivíduos.

Alguns exemplos de currículo oculto incluem:

- Relações de poder e hierarquia no ambiente escolar, como as interações entre professores e alunos;
- Expectativas comportamentais, como disciplina, pontualidade e obediência às regras;
- Valores culturais implícitos, que podem favorecer determinados grupos sociais, étnicos ou de gênero em detrimento de outros.
- Esse currículo oculto desempenha um papel importante na perpetuação de normas sociais e culturais, às vezes reforçando desigualdades ou preconceitos, e por isso é objeto de crítica e análise por diversos estudiosos da educação.

► Currículo em Ação (Práticas Curriculares)

O currículo em ação é a forma como o currículo se realiza no cotidiano da sala de aula. É o processo de implementação das diretrizes curriculares pelos professores, considerando as interações com os alunos, os recursos disponíveis e o contexto escolar. Essa dimensão do currículo revela que o planejamento formal nem sempre corresponde à prática real, uma vez que diversos fatores, como a formação docente, as condições da escola e o perfil dos estudantes, influenciam o que efetivamente é ensinado.

É nesse espaço que o currículo se torna um processo dinâmico e adaptável, uma vez que as ações dos educadores podem flexibilizar ou reinterpretar o que foi previsto formalmente, respondendo a contextos específicos. Por isso, muitos estudiosos falam do currículo como uma prática social viva, moldada e reconfigurada diariamente pelas interações na escola.

► Currículo e a Formação Integral do Aluno

De maneira geral, o currículo desempenha um papel fundamental na formação integral dos alunos, que vai além do domínio de conteúdos acadêmicos. O currículo, formal ou oculto, é um meio pelo qual os estudantes são inseridos nas normas culturais e sociais de sua sociedade, aprendem a conviver com a diversidade e desenvolvem competências que os capacitam para atuar de maneira crítica e responsável em seu meio.





GOSTOU DESSE MATERIAL?

Imagine o impacto da versão **COMPLETA** na sua preparação. É o passo que faltava para garantir aprovação e conquistar sua estabilidade. Ative já seu **DESCONTO ESPECIAL!**

EU QUERO SER APROVADO!

